

# A CRESCENTE DA EXTREMA DIREITA NO CENÁRIO POLÍTICO MUNDIAL: UM ESTUDO DO BOLSONARISMO

## THE GROWING UP OF THE FAR RIGHT IN THE GLOBAL POLITICAL SCENARIO: A STUDY OF BOLSONARISM



THIAGO ABDALA BARNABÉ<sup>176</sup>

YGOR LEBRANK DE MELO<sup>177</sup>

GUILHERME FERNANDES GARCIA<sup>178</sup>

DAYANA DE OLIVEIRA FORMIGA<sup>179</sup>

### Resumo

Nas últimas décadas, houve uma crescente de movimentos de extrema direita no mundo. Esses movimentos políticos são caracterizados por autoritarismo, recusa da globalização, xenofobia, racismo étnico-nacional e um espírito antidemocrático. Nesse sentido, a extrema direita no Brasil pode ser percebida a partir do fenômeno contemporâneo expresso no bolsonarismo, que se manifesta paralelamente com as ondas conservadoras na política mundial. O autoritarismo histórico reflete um sentimento de época, de certo modo, abscondido e omitido pelo cidadão. Porém, quando manifestado em um representante público e político, esse sentimento oculto urge e configura-se no líder. Sendo assim, o presente artigo, tem como objetivo analisar o movimento político da extrema direita no Brasil caracterizado pelo bolsonarismo, sobretudo em sua ascensão. O desempenho e discurso da campanha de Jair Bolsonaro foram semelhantes ao dos candidatos direitistas ao redor do mundo, levantando pautas anticorrupção e a favor de uma maior militarização, outorgando uma volta à tradição brasileira, ignorando seus aspectos marginalizados e desiguais.

**Palavras-chave:** Extrema direita; Brasil; bolsonarismo; autoritarismo; democracia.

### Abstract

In recent decades, there has been a growing number of far-right movements in the world. These political movements are characterized by authoritarianism, refusal of globalization, xenophobia, ethnic-national racism and an anti-democratic spirit. In this sense, the extreme right in Brazil can be perceived from the contemporary phenomenon expressed in Bolsonarism, which manifests itself in parallel with the conservative waves in world politics. Historical authoritarianism reflects a feeling of the time, in a way, concealed and omitted by the citizen. However, when manifested in a public and political representative,

<sup>176</sup> Graduado em licenciatura em História pela UNASP-EC, bacharelado em Teologia e licenciando em Letras Português pelo UNASP-EC. Email: [thiagoabdala84@gmail.com](mailto:thiagoabdala84@gmail.com).

<sup>177</sup> Graduado em licenciatura em História pela UNASP-EC, bacharelado em Teologia e pós-graduando em História e Arqueologia do Antigo Oriente Próximo e Mediterrâneo pela UNASP-EC. Email: [ygorlebrank@gmail.com](mailto:ygorlebrank@gmail.com).

<sup>178</sup> Graduado em licenciatura em História pela UNASP-EC. Email: [garciafguilherme@gmail.com](mailto:garciafguilherme@gmail.com).

<sup>179</sup> Doutora em História Social da Ciência pela Universidade de São Paulo (USP) e coordenadora da Pós-Graduação em História e Arqueologia do Antigo Oriente Próximo e Mediterrâneo do UNASP-EC. Email: [dayof35@hotmail.com](mailto:dayof35@hotmail.com).



this hidden feeling urges and configures itself in the leader. Therefore, this article aims to analyze the political movement of the extreme right in Brazil characterized by Bolsonarism, especially in its rise. The performance and discourse of Jair Bolsonaro's campaign were similar to those of right-wing candidates around the world, raising anti-corruption agendas and in favor of greater militarization, granting a return to Brazilian tradition, ignoring its marginalized and unequal aspects.

**Keywords:** Far right; Brazil; Bolsonarism; Authoritarianism; Democracy

## Introdução

Nos últimos anos, temos testemunhado ondas de autoritarismo varrendo o mundo. Discursos de ódio, racistas, xenofóbicos e carregados ainda de fortes tendências antidemocráticas ocupam cada vez mais espaço no cenário político. Conforme afirmam Diamond, Plattner e Walker (2016), desde o fim da Guerra Fria, acompanhado das crises econômicas, sociais e ambientais dos anos 2000, a democracia tem enfrentado um período de recessão. Essa recessão, por sua vez, abriu margens para o crescimento do autoritarismo da extrema direita em diversas nações. Dotados de pautas anti pluralistas, antissistêmicas, populistas e com defesas conservadoras, seus líderes têm ganhado forças nas eleições e conquistado grande número de apoiadores (Ignazi, 2003; Diamond; Plattner; Walker, 2016). No contexto brasileiro, a onda conservadora da extrema direita se avoluma por meio da tensão político-social que irrompeu nas jornadas de junho de 2013<sup>180</sup>. Nesse ínterim de frustração econômica, o discurso radical ganha espaço entre os políticos brasileiros, culminando na vitória bolsonarista em 2018 que se distinguiu pelo apoio massivo de indivíduos que pleiteavam a preservação dos valores conservadores e neoliberais, em detrimento e deslegitimação da oposição política configurada pela esquerda brasileira.

Nesse sentido, os objetivos elencados neste estudo são: (1) compreender os pressupostos da extrema direita e sua presença no cenário político contemporâneo; (2) conhecer o histórico da extrema direita e seu discurso no Brasil, após a redemocratização; (3) por fim, analisar a presença dos pressupostos da extrema direita na construção do bolsonarismo, que culminaram na eleição para a presidência de Jair Bolsonaro em 2018. Outrossim, a pesquisa procurou contribuir para a compreensão dos acontecimentos

---

<sup>180</sup> Vale ressaltar que os atos de 2013 não foram liderados estritamente pela 'nova direita' brasileira ou os movimentos liberais e conservadores. Como bem expressam Pinheiro-Machado e Scalpo (2018, p. 35), "[...] o Brasil pós-2013 se caracteriza pela proliferação de coletivos negros, LGBTs e feministas, marcados pela lógica autonomista da descentralização e horizontalidade". Ora, mediante a crise e a guinada da direita, os movimentos sociais também surgiram concomitante como modelos de resistência e esperança, conforme pontuam as pesquisadoras.



históricos na política contemporânea mundial, almejando ver os impactos que os movimentos de extrema direita causaram nos regimes democráticos. A partir disso, o estudo propõe, especialmente, analisar o fenômeno do bolsonarismo em sua complexidade e formação no meio social brasileiro.

### A presença da extrema direita no mundo e seus pressupostos

Compreender o fenômeno da extrema direita não é uma tarefa fácil (Ignazi, 2003; Mudde, 2000). As definições são vastas e as terminologias são distintas conforme a opinião crítica de cada autor<sup>181</sup>. É consensual, no entanto, o espanto geral perante a ascensão dos discursos autoritários, da presença de líderes populistas<sup>182</sup> e das pautas antidemocráticas que colocam em risco democracias já bem consolidadas<sup>183</sup>. Costuma-se pensar que os ataques violentos e fanáticos foram abandonados com os horrores da guerra, entretanto, somente no ano de 2019, por exemplo, o governo alemão registrou cerca de 12.493 crimes “politicamente motivados pela extrema direita”, com 542 desses delitos sendo atos violentos<sup>184</sup>. Notícias como essas são cada vez mais comuns, o que nos faz perceber a necessidade do estudo acerca da extrema direita, de seus pressupostos, seus objetivos e potenciais perigos para a democracia<sup>185</sup>.

---

<sup>181</sup> Mudde (2000, p. 10) complementa: “Even though the term right-wing extremism itself is accepted by the majority of the scholars, there is no consensus on the exact definition of the term. A variety of authors have defined it in a variety of ways”. Na literatura política, alguns teóricos apontam para o extremismo de direita como formas ressurgentes do neofascismo (Eco, 2020; Stanley, 2020), outros como formas radicais de uma direita populista radical com discursos moralistas (Muller, 2016; Barreiro; Miaguti; Poty, 2020), tem também aqueles que associam o fenômeno à características xenofóbicas, racistas, autoritárias e violentas (Currie; Holbrook; Taylor, 2013) e por fim, autores que enxergam a extrema direita como um modelo anti-sistêmico, com tendências anti-pluralistas e com metodologias políticas de *soft power* (Diamond; Plattner; Walker, 2016; Ignazi, 2003; Mudde, 2003). Frente a essas definições, optamos pelo termo “extrema direita” que engloba tanto o populismo radical, o neofascismo violento e terrorista, bem como, políticas direitistas de maior abrandamento (*soft power*) mas com caráter antissistêmico.

<sup>182</sup> Deve lembrar que o termo populista não necessariamente remete a líderes autoritários e de direita. Muller (2016) discute que o termo pode estar ligado tanto movimentos igualitários de políticas de esquerda, como também pode intercalar-se naquilo que Betz (1994, p. 4 apud Ignazi, 2003, p. 29) chama de “radical right-wing populism [...] due to their unscrupulous use and instrumentalization of diffuse public sentiments of anxiety and disenchantment [...]”.

<sup>183</sup> Diamond, Plattner e Walker (2016, p. 216) ainda problematizam as tendências democráticas dizendo: “Although the leading authoritarian regimes are today integrated in many ways into the global system, they have not become more like the democracies; rather, they have developed policies and practices aimed at blocking democracy’s advance”.

<sup>184</sup> BONIS, Gabriel, 2020.

<sup>185</sup> Ressaltando, contudo, as palavras de Lowy (2015, p. 655) ao caracterizar a extrema direita não como um fenômeno de “estruturas estáticas” e finalizadas, mas sim como um fenômeno em “constante movimento”. Em outras palavras, compreender que o discurso autoritário está sempre se atualizando, adaptando-se aos contextos contemporâneos e dessa maneira, relembrar a importância da continuidade da pesquisa e do desenvolvimento de ideias que combatam os espíritos antidemocráticos.



A extrema direita surge como uma das facetas autoritárias da direita<sup>186</sup>. Terminologicamente, Mudde (2000, p. 10, tradução nossa) aponta para o extremismo de direita por meio do termo alemão *verfassungsfeindlich* (“hostil em relação a constituição”)<sup>187</sup> – o referente a práticas inconstitucionais e antidemocráticas. Widfeldt (2010), em contrapartida, aponta o termo “extrema” não necessariamente como sinônimo de práticas autoritárias e antidemocráticas, mas como um espectro “extremo” em relação aos outros partidos e sistemas ideológicos<sup>188</sup>.

Seguidamente, Mudde (2000, p. 12, tradução nossa) define, em consenso com outros estudiosos, a extrema direita como um fenômeno atrelados às seguintes características: “[...] nacionalismo, racismo, xenofobia, antidemocracia e o Estado forte”<sup>189</sup>. Ignazi (2003) ainda complementa dizendo que a extrema direita é um movimento de natureza antissistêmica, com tendências antipluralistas, antiparlamentares, hostis a imigrantes, com tendências autoritárias e defesa de valores tradicionais (em geral cristãos). Bradalise (2015, p. 55) sintetiza:

O extremismo de direita objetiva criar uma sociedade orgânica, supostamente harmônica, distante dos conflitos de classe, promovendo a “restauração” dos costumes, da família, da autoridade paternal e masculina. Concebendo a nação como entidade suprema, a compreensão do que seria o interesse superior dessa última é necessariamente anterior ao exercício das liberdades. O patriotismo é transformado num nacionalismo exacerbado. Apresentando-se em geral como revolucionária, entende assegurar uma identidade perdida no passado, a continuidade com uma época áurea. Ela não se reduz a uma classe ou categoria social, mas atinge um alvo privilegiado, as classes médias baixas, com frequência atingida sobremaneira em períodos de desestruturação social.

Historicamente, Von Beyme (1988) sistematiza a manifestação da extrema direita na Europa em três ondas: (1) a primeira começando já no fim da Segunda Guerra até metade de 1950, marcada por pouca presença política, tendência nazifascistas e pequenos partidos; (2) a segunda onda que aparece depois dos anos 1950 com grande impacto em países nórdicos com protestos populistas centrados em figuras individuais e sobretudo com o *poujadismo*; (3) por fim, a terceira onda de 1980 que articula partidos extremistas

<sup>186</sup> Bradalise (2005, p. 54) identifica três tendências da extrema direita: (1) tradicionalistas contra-revolucionários que rejeitam a modernidade e os valores da Revolução Francesa; (2) a extrema direita da era de massas em 1880 com o General Boulanger; (3) o fascismo histórico e o Estado totalitário nazista.

<sup>187</sup> “hostile towards the constitution” (Mudde, 2000, p. 10)

<sup>188</sup> “Extreme right parties are markedly different from other parties concerning this socio-cultural dimension. They want to go further in restricting immigration, and they are opposed to multiculturalism. Thus, it can be argued that the parties in question are “extreme” – not relative to the political system, but relative to the other parties” (Widfeldt, 2010, p. 10).

<sup>189</sup> “[...] nationalism, racism, xenophobia, anti-democracy and the strong state” (Mudde, 2000, p. 12)



com forte apoio eleitoral, em especial, dos partidos *Front National*, *Freiheitliche Partei Österreichs* (FPÖ) e entre outros.

Para Ignazi (2003), Mudde (2000) e Lowy (2015) o fascismo é o momento histórico onde tais características supracitadas da extrema direita são visualizadas concretamente. Konder (2009, p. 53), conceitualmente, define o fascismo como um “movimento chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista, antioperário”. Ora, se trata de um fenômeno emergente do capitalismo imperialista, que, mesmo após sua derrocada histórica ao final da Segunda Guerra Mundial, continua a exercer uma influência ideológica persistente. Isso porque seus símbolos, ideais, táticas e agendas ainda são empregados por extremistas e líderes autoritários contemporâneos (Stanley, 2020). Não é à toa que Eco (2020, p. 46) reafirma o perigo das nebulosas do Ur-fascismo e sua manifestação sucinta “ao nosso redor [...] em trajes civis”<sup>190</sup>.

Contudo, depois da Segunda Guerra Mundial, o nazifascismo teve seu espaço político consideravelmente restringido e marginalizado. Perante os horrores ditatoriais, a tragédia e a morte de milhares de pessoas, o pensamento democrático sobreveio como resposta às ondas autoritárias. No entanto, o sentimento da derrota, junto a pontuadas crises econômicas, falta de emprego, alimentação e moradias, em especial, na Itália e Alemanha fomentaram o reaparecimento de grupos extremistas e radicais (Bradalise, 2005; Bordin, 2016).

O reaparecimento marcante da extrema direita no mundo e aqui damos uma ênfase, surge a partir dos anos 1980, coincidindo com o término da Guerra Fria e o início da terceira onda de democratização. Durante esse período, novas ideias começaram a ser adotadas, algumas das quais se afastaram consideravelmente das características clássicas do fascismo. Conforme argumenta Konder (2009, p. 163), o fascismo clássico foi sendo gradualmente absorvido por ideologias conservadoras, incorporando-se a partidos políticos e buscando uma redefinição dentro do contexto democrático, visando uma reinvenção que se alinhasse com o modelo de capitalismo monopolista de Estado.

---

<sup>190</sup> Continuamente, Eco (2020, p. 20) descreve o fenômeno fascista como fundamentado nas noções “[...] de um chefe carismático, o corporativismo [...] em um nacionalismo exacerbado [...] a recusa da democracia parlamentar, o antisemitismo”. Pode-se acrescentar também o fascismo como um fenômeno de massas, o qual reúne “a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes” (Arendt, 2012, p. 439). Esse grupo de pessoas, desiludidas e não atreladas e representadas por nenhum partido político, tornam-se massa de manobra dos líderes fascistas que impõem discursos nacionalistas e populistas como ‘chamarizes’ para a população fazer parte de uma “nova história”, de um “novo povo” (Stanley, 2020). Junto a essa empreitada, o líder fascista utiliza-se também de táticas de repressão sexual, da imposição do patriarcalismo e da recusa das minorias - como homossexuais, comunistas, judeus e outros (Reich, 1988).



Por conseguinte, Bradalise (2005) também direciona o crescimento da extrema direita para uma certa desarticulação das agremiações partidárias clássicas. Em suas palavras, “Os grandes partidos de governo europeus migraram para o centro do quadro partidário e a esquerda tradicional acabou perdendo terreno de interlocução junto ao operariado, abandonado a uma esquerda mais radical ou à extrema direita” (Bradalise, 2005, p. 52)<sup>191</sup>. As crises de imigração, o fim da URSS, o descrédito da esquerda, as crises de emprego e outros fatores acabam contribuindo para um aumento da presença de partidos de extrema direita com abordagens, em sua grande maioria, xenofóbicas, antimigratórias e antiglobalização (Diamond; Plattner; Walker, 2016). Como aponta Norris (2005, p. 8) “A questão que mobiliza o apoio à direita radical hoje não é o medo das grandes empresas e dos trabalhadores organizados em si, mas antes a ameaça do ‘outro’, impulsionada por padrões de imigração, por pessoas que buscam asilo e pelo multiculturalismo”.

Na França, por exemplo, a notória expressão da extrema direita na terceira onda pode ser identificada na figura de Jean-Marie Le Pen e sua popular ascensão pelo *Front National*. Stanley (2020, p. 31) classifica como “o primeiro partido de extrema-direita a alcançar um sucesso eleitoral significativo”. Le Pen, um ex-poujadista, assumiu a presidência do partido *Front National* em abril de 1972. Autodeclarando-se um democrata, o regime de Le Pen, no entanto, foi marcado por pautas de “recuperação e a purificação da identidade francesa”, discursos xenofóbicos e antissemitas, exaltação da ordem e da força, bem como a defesa de um Estado forte (Bradalise, 2005, p. 55).

Seguidamente, desde os anos 2000 até os dias atuais, torna-se notório que as tendências autoritárias apenas se intensificaram – ainda que sob novas formas e aparências. A Espanha, que desde o fim da ditadura franquista em 1975 não havia tido a presença de nenhum membro da extrema direita no parlamento, eclodiu em 2013 com a criação do partido Vox e seu presidente Santiago Abascal. Com pautas xenofóbicas, nacionalistas e populistas, Abascal angariou “24 cadeiras e cerca de 10% dos votos nas eleições” de 2019<sup>192</sup>. A ascensão de Trump em 2016 também destacou o poderio do

---

<sup>191</sup> Norris (2005, p.6) comenta algo parecido: “[...] as teorias do desalinhamento partidário sugerem que hoje a atração da direita radical não se baseia em uma única clivagem social comum a todos os países, seja a classe trabalhadora não especializada ou a pequena burguesia. Em vez disso, a teoria prevê variações significativas na base social de apoio aos partidos da direita radical e uma erosão da relação entre estrutura social e lealdades partidárias sobre o comportamento dos eleitores”. A clivagem de apoio de grupos da extrema direita varia de acordo com o período.

<sup>192</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/05/03/quem-sao-os-lideres-por-tras-do-avanco-da-direita-radical-na-europa.ghtml>. Acesso em: 8 set. 2021. Tendências autoritárias têm varrido o cenário político na Europa e no mundo. Um exemplo problemático que se agrava cada vez mais encontra-



discurso nativista, populista, antissistêmico, sem contar os diversos atos autoritários. Levitsky e Ziblatt (2018, p. 173) pontuam que “O comportamento de Trump em relação a tribunais, órgãos de polícia e de inteligência e outras agências independentes foi tirado de uma cartilha autoritária”.

É por esta razão que alguns teóricos, como Widfeldt (2010), conjuram a possibilidade de um novo momento, de uma quarta onda. Agora, não mais marcadas por violências explícitas e golpes de Estados, mas sim por discursos polarizantes, populistas e moralistas que criam ambientes de histeria e caos no cenário democrático (Levitsky; Ziblatt, 2018). Liderados em sua maioria por *outsiders*, esses líderes prometem restaurar a dignidade do povo, combater corrupções internas, gerar novos empregos e melhorar a economia, além de defender valores morais perdidos. Em suma, como apontam Levitsky e Ziblatt (2018), a extrema direita hoje atua através das próprias instituições democráticas, a fim de gradualmente miná-las, configurando um novo tipo de autoritarismo: o autoritarismo democrático. O perigo, nesse viés, centraliza-se nas eleições e na forma como esses líderes e partidos engajam-se e ganham espaço político.

Dessa maneira, sendo um movimento em crescente e agravado pelas redes sociais e sua fácil disseminação ideológica, a extrema direita tem atraído cada vez mais adeptos ao redor mundo. Começando por palavras ásperas e discursos que encorajam sentimentos patrióticos, nativistas e xenofóbicos, os líderes vão criando uma atmosfera de polarização extrema entre “eles” (os inimigos da pátria, comunistas, islâmicos, estrangeiros etc.) e “nós” (o povo de bem, a família tradicional, os nativos e trabalhadores), onde o oponente político é sempre desumanizado, desqualificado e perseguido<sup>193</sup> (Muller, 2016; Stanley, 2020). Frente a essas problemáticas de magnitude global, se torna notório que as democracias estão em perigo constante e que práticas de defesa devem ser tomadas para preservá-las.

### **Discurso da extrema direita no Brasil pós redemocratização**

---

se na Hungria, com Viktor Órban. Em 2010, Levitsky e Ziblatt (2018, p. 91) afirmam que: “Depois de ganhar uma maioria parlamentar de dois terços, o partido governante, o Fidesz, se valeu dela para reescrever a Constituição e as leis eleitorais de modo a consolidar suas vantagens. Foram adotadas novas regras eleitorais majoritárias, que favoreciam o maior partido (o próprio Fidesz), e redesenhadas as fronteiras dos discursos eleitorais para maximizar o número de cadeiras do partido”. Esse gradual dismantelamento das instituições democráticas atingiu novas formas em 2020 que, em contexto pandêmico, Órban aproveitou para declarar “Estado de emergência”, obtendo poderes especiais incompatíveis com a democracia. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/estado-de-emergencia-na-hungria-sera-encerrado-ate-o-final-de-maio/>. Acesso em: 10 set. 2021.

<sup>193</sup> Como afirma Muller (2016, p. 38), “This is the core claim of populism: only some of the people are really the people”.



Partindo das definições supracitadas sobre a extrema direita, percebe-se um potencial espírito antidemocrático envolvendo parte de seus ideais. Percebe-se ainda o envolvimento da classe média com a direita e sua neutralidade em relação ao campo político, favorecendo o populismo de regimes autoritários como o fascismo (Arendt, 2012; Eco, 2020), sendo necessária a aplicação de tais conceitos ao contexto brasileiro, como desenvolvido nos parágrafos a seguir.

Tendo isso em vista, é fundamental iniciar essa análise a partir da redemocratização brasileira – após a atuação de uma direita conservadora empenhada em manter a ordem estabelecida – para compreender o posicionamento das "direitas" em um contexto democrático. Entretanto, o término do regime não trouxe, por si só, a transformação da política brasileira. Após a rejeição da emenda que propunha eleições diretas em 1984, a eleição indireta de Tancredo Neves em 1985 foi uma sucessão de acordos de transição entre os diferentes partidos atuantes. Com a morte de Tancredo, o vice-presidente, José Sarney, assumiu a responsabilidade de conduzir a transição para a democracia. Sarney era ex-membro dos partidos ARENA/PDS (Partido Democrático e Social) e entrou na chapa de Tancredo para manter as elites conservadoras representadas no governo federal. Essa nova fase trouxe muita incerteza, após um histórico presidencialista que buscou progredir por meio do acúmulo de capital pelo agronegócio, expandiu sua atuação com os benefícios trabalhistas e assistenciais, tornou-se sujeito ao populismo e desenvolvimentismo, e buscou agradar à classe eclesiástica e às elites (Bobbio, 1998; Godoy, 2013; Linhares, 2016).

Com um sistema econômico desorganizado e um governo refém de uma política clientelista de José Sarney, o Plano Cruzado perde credibilidade em meio a uma inflação descontrolada, e a crise política é agravada por diferentes escândalos e corrupção (Linhares, 2016). Em tal contexto, a implementação da Constituição Cidadã em 1988, representou o ápice das demandas populares por direitos trabalhistas, principalmente. No entanto, sua implementação acabou fragmentando várias alianças entre as frentes populares e os partidos de esquerda, como o PT (Partido dos Trabalhadores)<sup>194</sup>, e as

---

<sup>194</sup> É importante ressaltar que, na trajetória política do PT, principalmente sob a liderança de Luís Inácio Lula da Silva, uma mudança ideológica em direção ao neoliberalismo se tornou evidente. Machado (2009, p. 26-27) observa que, após as derrotas de Lula nas campanhas eleitorais de 1989, 1994 e 1998, o partido gradualmente aderiu ao pensamento neoliberal, deixando de lado (ou, ao menos, enfraquecendo) pautas sociais essenciais, como o não pagamento da dívida externa, a necessidade de reforma agrária e a redução dos altos lucros dos monopólios. Apesar dessa mudança, o cenário político ainda classifica o PT como politicamente de esquerda, especialmente diante da polarização extrema e simplificada causada pelo fenômeno bolsonarista. No entanto, é importante reconhecer a discrepância dessa classificação.





igrejas evangélicas e católicas – devido a propostas relacionadas ao aborto e à igualdade sexual. Como resultado, a esquerda mais representativa se viu em conflito com as organizações religiosas e seus partidos. Os partidos de direita, por sua vez, se organizaram em direção às práticas neoliberais, sob influência principal da Inglaterra (com Margareth Thatcher) e dos Estados Unidos (presidido por Ronald Reagan) (Linhares, 2016).

Um ponto crucial para compreender a postura das direitas brasileiras é a eleição de Collor (1990-1992), o primeiro presidente eleito por voto direto, que se apresentou como um defensor da luta contra a corrupção no sistema público. Ele apontava isso como o motivo central da decadência do país, deixando de lado fatores como o poder das elites e a desigualdade social. Ele não se autodefinia como político de direita, mas sim como representante de uma gestão "moderna". Essa foi a característica pessoal presidencialista marcante de sua administração. Contudo, essa característica teve impactos negativos na diversidade de um Brasil democrático e economicamente desigual, pois invisibilizava questões ligadas à escravidão, ao colonialismo e ao patriarcado. Isso impediu o desenvolvimento de um governo igualitário e de políticas compartilhadas, além de fomentar posturas extremas e inflexíveis. Uma lógica neoliberal envolta em moralidade, contraposta à justiça social instituída e à democracia, foi defendida sob a égide da liberdade individual (Bonfim, 2004; Brown, 2019; Godoy, 2013; Linhares, 2016).

Durante o processo de *impeachment* de Collor em 1992<sup>195</sup>, a revolta popular foi proporcional ao envolvimento das massas com o cenário político na eleição, uma vez que essa foi a primeira eleição realizada por voto direto. Isso provocou questionamentos sobre a credibilidade da democracia e a eficácia da ação política, um discurso que a direita conservadora adotou e manteve até recentemente, contribuindo para uma sistemática redução das perspectivas de engajamento político. Além disso, essa postura também alimentou a exaltação da liberdade individual e o afastamento dos interesses públicos (Cepêda, 2018; Linhares, 2016).

A partir da redemocratização, um processo educativo se estabeleceu no Brasil, em que os discursos em defesa dos direitos sociais enfraqueceram, cedendo espaço ao discurso do desenvolvimento econômico individual, ao qual a direita aderiu firmemente.

---

<sup>195</sup> O irmão do então presidente, Pedro Collor de Mello, iniciou uma acusação contra o tesoureiro da campanha presidencial de Fernando Collor, o empresário PC Farias, alegando que este era responsável por articular um esquema de corrupção de tráfico de influência, loteamento de cargos públicos e cobrança de propina dentro do governo. O escândalo foi coberto por diferentes veículos da imprensa, como o jornal O Estado de S. Paulo, edição de 14 de maio de 1992 e a investigação acabou conduzindo ao processo de *impeachment* do presidente. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19920514-36002-nac-0023-999-1-not>. Acesso em: 25 out. 2021.



Esse discurso ganhou força sob a égide da corrupção e da hiperinflação - chegando à marca histórica de 84,32% no governo Collor<sup>196</sup>, mas que mudou com as medidas anunciadas por Fernando Henrique Cardoso (FHC) antes mesmo da eleição que caminhavam em direção ao Plano Real<sup>197</sup> (Codas; Cruz; Kaysel, 2015).

O governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), mesmo sendo o responsável pelo Plano Real que resolveu em grande parte o problema da inflação do período, abriu espaço para um aumento na violência em periferias e áreas rurais. Buscando resgatar sua popularidade, o governo desenvolveu um Plano Nacional de Segurança, que se alinhava a uma pauta conservadora que apoiava o militarismo violento da polícia. Esse posicionamento continuou a ser percebido em governos posteriores, através de representantes políticos de direita, em sua maioria por ex-policiais militares ou delegados da polícia civil. (Codas; Cruz; Kaysel, 2015; Linhares, 2016).

Um posicionamento político mais alinhado ao centro, ocorreu na passagem do governo FHC para Luís Inácio Lula da Silva (2003-2011). Em seu plano de desenvolvimento econômico, ligado a uma política de bem-estar-social, percebemos um dos governos mais populares da história do país. Quebrando recordes históricos na economia, mantendo os moldes de FHC (estratégia garantida em sua cerimônia de posse), o que agradou as elites brasileiras, mas também promoveu a ascensão das classes mais baixas à classe média – que ao fim de seu governo, representava mais de 50% da população brasileira. A direita no governo Lula acompanhou o princípio básico das políticas de centro, formando alianças para conservar sua existência e tendo o sucesso da coalizão de centro-esquerda liderada pelo PT, absorvendo posicionamentos de centro-direita, centralizados na aliança partidária PSDB-PFL (Bobbio, 1998; Bonfim, 2004; Codas; Cruz; Kaysel, 2015; Linhares, 2016).

O apoio popular de Lula entra em queda devido a escândalos de corrupção envolvendo membros ligados ao gabinete do presidente em 2005. O “escândalo do mensalão”<sup>198</sup> pôs em xeque também a reputação do Partido dos Trabalhadores (PT), sendo considerado base da organização criminosa no pagamento de propina<sup>199</sup>. Em

<sup>196</sup> Informações do jornal Folha S. Paulo, edição de 31 de março de 1992, p. 1. Disponível em: <https://bit.ly/3uh3vFT>. Acesso em: 07 set. 2021.

<sup>197</sup> Informações do jornal Folha S. Paulo, edição de 07 de dezembro de 1993, p. 1. Disponível em: <https://bit.ly/2XSU2sw>. Acesso em: 07 set. 2021.

<sup>198</sup> O esquema de corrupção envolvia uma mensalidade paga a deputados federais para votarem a favor de projetos do Poder Executivo.

<sup>199</sup> Na época, o deputado Roberto Jefferson (PTB), responsável pela denúncia do “esquema” de corrupção conversou com o jornal “Folha de São Paulo” que acompanhou o caso durante meses. Disponível em: <https://bit.ly/3uesfyE>. Acesso em: 10 set. 2021.



contraposição ao mensalão, as ações do governo em 2008 para conter a crise econômica mundial (iniciada no ramo imobiliário dos Estados Unidos), acompanhadas por uma sequência de bons referendos do Brasil<sup>200</sup> mantiveram o governo Lula com boa reputação e abriram caminho para a candidatura de Dilma Rousseff, apresentada pelo ex-presidente, como responsável pelas ações do Programa de Aceleração de Crescimento (PAC), do Brasil (Linhares, 2016; Nobre, 2013).

A reputação de corrupção petista e alguns efeitos da crise de 2008 seriam dívidas transferidas ao governo da primeira presidenta do Brasil. Dilma Rousseff (2011-2016) recebeu críticas no que tange à administração de recursos e a dependência do consumo interno, que sofria com problemas de tecnologia e logística. Tais questões se refletiram nas manifestações de 2013 a 2015, demonstrando a insatisfação popular em relação à política brasileira. As manifestações foram o estopim de uma nova “polarização” entre posicionamentos de “esquerda e direita” que seguiram o cenário político futuro. Fenômeno observado pelos pesquisadores Pablo Ortellado e Márcio Moretto Ribeiro em estudo sobre o comportamento de usuários brasileiros do Facebook<sup>201</sup> que acompanham assuntos políticos na rede social, onde se percebeu que em 2016 (período do processo de *impeachment* de Dilma) a dinâmica de engajamento dos usuários com a plataforma aproximou usuários com interesses em políticos de esquerda dos movimentos sociais progressistas, enquanto usuários com interesse no movimento anticorrupção e de grupos linha-dura contra o crime seguiam curtindo cada vez mais as páginas de políticos de direita, distanciando cada vez mais a direita de pautas sociais. Nesse período também se percebe o crescimento da direita no parlamento brasileiro, sobretudo a partir de 2014 (representação que vinha em queda na Câmara dos Deputados desde 1998) quando partidos conservadores ganharam 43,5% das cadeiras (em 2010 eram 36,3%) (Codas; Cruz; Kaysel, 2015; Linhares, 2016).

Ainda sobre as manifestações, a mesma classe média, que ascendeu no governo Lula, levantava uma ideologia neoliberalista e conservadora. Sua demonstração de

---

<sup>200</sup> Nobre (2013, p. 91) cita que entre os grandes motivos de popularidade do governo Lula a aliança com o PMDB para conseguir apoio parlamentar, a descoberta das reservas de petróleo da camada pré-sal, a confirmação do Brasil como sede da Copa de 2014, a elevação do Brasil a “grau de investimento” no FMI, o acordo com a Santa Sé que irá considerar com efeito civil o casamento religioso, ações que irão, segundo autor, preparar o terreno para a candidatura de Dilma Rousseff.

<sup>201</sup> Pablo Ortellado é professor de políticas públicas da USP (Universidade de São Paulo) e Márcio Moretto Ribeiro é professor de sistemas de informação da mesma universidade. Em artigo da revista Galileu, os pesquisadores comentam que até junho de 2013, as pautas sociais, direitos humanos, ambientalismo, eram interesses de usuários que acompanhavam políticos de direita e também os que acompanham políticos de esquerda. Disponível em: <https://glo.bo/2XKHJYJH>. Acesso em: 26 de set. 2021.



insatisfação era percebida nas pautas trazidas durante as manifestações, como: o incômodo da presença das classes mais populares nos mesmos espaços de convívio que a alta classe média e o aumento de empregos em áreas de baixa formação acadêmica em contrapartida ao aumento das condições de ingresso ao Ensino Superior que privilegiam essa classe (Codas; Cruz; Kaysel, 2015; Linhares, 2016).

Assim a classe média assume seu posicionamento, ao lado de uma nova direita que, diferentemente da direita conservadora formada por políticos profissionais e o empresariado, é formada por trabalhadores que criam lideranças partidárias. Essa nova direita também assume as desigualdades como naturais e impossíveis de resolução, característica que une as diferentes variantes direitistas, desde modelos mais radicais como nazismo/fascismo, reacionários, autoritários, conservadores ou até o liberalismo clássico e humanista. O que traz à tona bandeiras que advogam sobre o bem-estar individual, onde o Estado é entendido como desobrigado de desenvolver medidas que promovam a justiça social. Esse fenômeno, não será associado claramente à extrema direita, sobretudo por conta do “abrandamento” da direita conservadora após o fim da ditadura militar. É importante observar que essa nova direita, não só no Brasil como em toda a América Latina, diferente da direita conservadora militar, tem como principais características o apoio ao liberalismo econômico, com intervenção mínima do Estado, defende a democracia e os valores da família tradicional. Tais características em crescimento na sociedade brasileira, que historicamente baseia sua identidade nacional em elementos míticos e que sacra seus governantes, irá buscar culpados e heróis em um jogo messiânico onde sacralizam-se uns e satanizam-se outros. A relação percebida entre o povo e seus representantes é de clientelismo e tutela, visto que não os reconhecem como seus representantes e sim do Estado, que é maior que estes. Assim o relacionamento entre representante e povo dar-se-á de forma populista via favor, ou desfavor, econômico (Cepêda, 2018; Chaui, 2013; Codas; Cruz; Kaysel, 2015).

Assim, compreende-se o crescimento de uma nova direita – acompanhando também as ondas mundiais dos posicionamentos neoliberais alinhados a uma ala mais conservadora – que será percebida mais veementemente a partir das manifestações de junho de 2013, consolidando-se com o *impeachment* de Dilma Rousseff e com a eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018.

### **O fenômeno do bolsonarismo**



É neste imperativo, que de acordo com Pinheiro-Machado (2019), a ameaça “fascista” é mais bem analisada a partir da organização das extremas direitas no Brasil desde o início do século XXI, numa crescente que ganhou força no período das crises econômicas de 2007 e 2008, promovendo articulações com políticas antissistêmicas e neoliberais. Não reduzido ao Brasil, Brown (2019) sublinha que a crescente da extrema direita é observada no mundo,

[...] forças da extrema direita subiram ao poder nas democracias liberais pelo mundo todo. Cada eleição traz um novo choque: neonazistas no parlamento alemão, neofascistas no italiano, o Brexit conduzido pela xenofobia alimentada por tablóides, ascensão do nacionalismo branco na Escandinávia, regimes autoritários tomando forma na Turquia e no Leste Europeu e, é claro, o trumpismo. O ódio e a belicosidade racistas, anti-islâmicos e antisemitas crescem nas ruas e na internet. Grupos de extrema direita recentemente amalgamados têm eclodido audaciosamente na vida pública após terem passado anos à espreita, na maior parte do tempo nas sombras (Brown, 2019, p. 9).

A tendência do radicalismo político que se apresentou no Brasil repousa, sobretudo, na intensificação da polarização político-social. Levitsky e Ziblatt (2018, p. 115) observam que a polarização é necessária para a democracia, contudo, quando levada ao extremo, pode “destruir as normas democráticas” – normas essas que se sustentam por meio da tolerância mútua<sup>202</sup>. A polarização radical no Brasil teve seu ponto de partida no âmbito social civil com as manifestações de junho de 2013. Segundo as historiadoras Schwarcz e Starling (2018, p. 505) o demérito da política brasileira ganha espaço com estes protestos públicos apartidários, pois foi um levante que revelou o “descompasso do governo” com o cidadão e denunciou a corrupção na máquina do Estado.

Para construir um novo estado funcional, os partidos de esquerda e direita se mobilizaram e a população acabou se renunciando ao estado de inércia. Não obstante, a política se tornou um ambiente hostil. Schwarcz (2019) descreve a crise de 2014 como marcada pelo desemprego e recessão econômica, o que deu abertura para a política da aversão, isto é, da negação da discordância ideológica<sup>203</sup>. Soares (2019) assinala ainda

<sup>202</sup> Tolerância mútua para Levitsky e Ziblatt (2018, 10) “[...] é reconhecer que os rivais, caso joguem pelas regras institucionais, têm o mesmo direito de existir, competir pelo poder e governar”. Tal conceito pode ser expandido além dos candidatos e concorrentes (políticos), mas para qualquer civil que participe do poder político ao exercer seu papel como cidadão.

<sup>203</sup> A discordância é fundamental para a necessária para a manutenção da democracia, como sugere Soares (2019); Brown (2019, p. 33), salienta a importância da liberdade na igualdade num regime democrático e o perigo que se apresenta quando não há tal respeito ao princípio da democracia, “A igualdade política é a base da democracia. [...] Somente a igualdade política assegura que a composição e o exercício do poder político sejam autorizados pelo todo e sejam de responsabilidade do todo. Quando a igualdade política está ausente, seja por exclusões ou privilégios políticos explícitos, pelas disparidades sociais ou econômicas



que a direita que se organizou pós junho de 2013 permitiu aos setores conservadores influenciar as massas para protagonizarem um embate contra a corrupção política, associada diretamente ao governo do PT na época, e contra a esquerda. Nota-se que a onda conservadora conjecturou um discurso antipetista, culpabilizando o governo “desmoralizante” da esquerda, conforme enfatiza Messenberg (2017).

Nos anos seguintes, 2015 e 2016, o embate se intensificou, com manifestações que, segundo Pinheiro-Machado (2019, p. 73), eram “pró-impeachment de caráter nacionalista, antipetista e contra corrupção” e “fundamentalmente marcadas pela presença das elites brancas brasileiras”. A nova direita deveria, por essência, renovar a política brasileira, defendendo uma política antissistêmica (Silva, 2020). Conforme diz Soares (2019), o “fracasso” da esquerda no comando da nação, paralelamente a prisão do ex-presidente Lula, catalisaram a ascensão da direita conservadora com reivindicações políticas e econômicas retrógradas, autoritárias e inconstitucionais, que sinalizaram um discurso de “nós” (bem) contra “eles” (mal), colocando em risco a democracia a partir das diferenças. Reconhecemos assim, que para tal estado “caótico”, a solução antissistêmica<sup>204</sup> do cidadão brasileiro seria, portanto, a eleição de um presidente apolítico, capaz de solucionar “todos” os problemas políticos da nação.

O candidato que mais soube canalizar as energias sociais que se intensificaram desde 2013<sup>205</sup>, foi o deputado federal Jair Bolsonaro. Contrariando toda a descrença dos analistas políticos e jornalistas de um possível sucesso eleitoral que já se fomentava desde 2015 com discursos radicais e ultraconservadores (Oyama, 2020). Considerado como um “outsider”, alguém não submetido ao sistema político, Jair Bolsonaro conquistou o posto de presidente da República do Brasil em 2018 (Nobre, 2020). Com acréscimo, a chegada de Bolsonaro ao poder executivo representa apenas uma parcela do movimento

---

extremas, pelo acesso desigual ou controlado ao conhecimento, ou pela manipulação do sistema eleitoral, o poder será inevitavelmente exercido por e para uma parte, em vez do todo. O *demos* deixa de governar.”

<sup>204</sup> Não há dúvidas que o sistema político brasileiro deve ser constantemente aprimorado, porém, isso não acontece com políticas antissistêmicas, tais políticas apenas propiciam um ambiente suscetível a projetos antidemocráticos e autoritários, pois enfraquece ou corrompe as instituições que ainda se preservam democráticas (Levitsky; Ziblatt, 2018; Nobre, 2020).

<sup>205</sup> Segundo Nicolau (2020) a pré-campanha de Bolsonaro iniciou em 2015, exclusivamente nas redes sociais. Já a campanha oficial para presidente iniciou-se em agosto de 2018. O próprio Jair Bolsonaro, quando participou do programa de rádio “Pânico Jovem Pan” (05/02/2018), afirmou que já era pré-candidato para as eleições presidenciais desde 2015, e declarou que tinha ao seu lado o poder do povo. Preservou também, um discurso contra a governabilidade, que para ele, estava infectada com a corrupção e a “ineficiência do Estado”, defendeu também pautas morais contra a ideologia de gênero e a liberação do aborto.

Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=Fh0cVPs015k&ab\\_channel=P%C3%A2nicoJovemPan](https://www.youtube.com/watch?v=Fh0cVPs015k&ab_channel=P%C3%A2nicoJovemPan). Acesso em: 19 set. 2021.





bolsonarista. Silva (2020, p. 34) traz a seguinte definição: “O bolsonarismo não necessariamente tem como único autor Jair Bolsonaro, mas envolve todos aqueles que corroboram com o empoderamento de um discurso conservador e baseado na moralização da política”. Silva Júnior e Fargoni (2020, p. 3) acrescentam que o bolsonarismo “é uma faceta do autoritarismo brasileiro” ou uma direita populista “que se articula com o neoliberalismo, sendo um fenômeno predominantemente urbano que contou com a expansão e alcance das redes sociais, acrescenta Nicolau (2020)<sup>206</sup>.

Contra todo cenário político que se estabeleceu no período de redemocratização, o bolsonarismo conseguiu um “feito inédito” na política brasileira ao romper com a hegemonia dos partidos principais, PT e PSDB. Estes dois partidos possuíam maior financiamento para campanha eleitoral, mais tempo de TV e rádio, e uma forte base popular nas grandes cidades do Brasil (Nicolau, 2020). Para tanto, o discurso popular bolsonarista era de restauração política e econômica (Maitino, 2020, p. 16 e 17); enquanto o PT simbolizava a corrupção endêmica da política brasileira (Messenberg, 2017; Pinheiro-Machado, 2019; Soares, 2019; Nicolau, 2020). Votar em Bolsonaro representava, portanto, o sentimento de pertencimento e de patriotismo (Pinheiro-Machado, 2019). Nobre (2020) caracterizou esse eleitorado bolsonarista em três subdivisões “lavajatista militar e evangélico<sup>207</sup>”, de modo que a segurança e combate a

---

<sup>206</sup> Aqui, vale a pena discutir a terminologia 'bolsonarismo' como uma descrição do fenômeno social que emergiu com a ascensão de Bolsonaro. Em geral, o sufixo 'ismo' sugere um sistema de ideias que estrutura um determinado grupo social e mantém qualidades distintivas. Nesse contexto, surge a questão: o bolsonarismo realmente representa um sistema de ideias já estabelecido? Primeiramente, é importante destacar que, mesmo na definição de extrema direita fornecida por Lowy (2015, p. 655) e outros autores, fica claro que os fenômenos extremistas de direita não são "estruturas estáticas", mas sim fenômenos em "constante movimento". Dessa forma, acredita-se que o fenômeno bolsonarista ainda está em processo de desenvolvimento de identidade, apresentando tanto continuidades históricas com outros fenômenos extremistas quanto características distintivas. Nesse sentido, Silva Júnior e Fargoni (2020, p. 11-16) observam que o bolsonarismo é caracterizado por uma série de elementos, tais como "idolatria às tradições, reacionarismo, anti-intelectualismo, autoritarismo e prepotência, aversão à pluralidade, aliança com as elites (burguesia e neoliberais), nacionalismo subserviente, necropolítica e necro-estado, belicosidade, militância e 'milicianismo', meritocracia, intolerância e preconceitos, propaganda". Outrossim, a designação do termo 'bolsonarismo' foi escolhida em consenso através do diálogo com autores que estudam o fenômeno, tais como Nicolau (2020), Maitino (2020), Oyama (2020), Pinheiro-Machado (2019), Silva (2020), Silva Júnior e Fargoni (2020) e Souza e Oliveira (2020). Poucos autores, de acordo com nossa pesquisa, optam por termos diferentes. Vale ressaltar, para fins de esclarecimento, que os termos "Bolsonarização", "Direita Alternativa" ou "Neoconservadorismo" são empregados por Lima e Lima (2020) e Solano (2018), respectivamente.

<sup>207</sup> Vale ressaltar que Bolsonaro conseguiu 70% dos votos dos evangélicos e ainda contou com a superioridade dos votos pela base católica (NICOLAU, 2020). A base lavajatista foi composta pelos apoiadores da Operação Lava Jato (iniciada em 2014), que tem como objetivo combater a corrupção e a lavagem de dinheiro, especialmente, pelos políticos e empresários. Para mais informações ver: <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato>. Acesso em: 25 out. 2021.



corrupção foram as principais correntes políticas de campanha defendidas por Bolsonaro e seu antigo partido PSL (Partido Social Liberal).

Ademais, outro fator decisivo para a vitória da onda bolsonarista nas eleições de 2018 foram as mídias sociais. Sendo o principal canal de divulgação pró-bolsonarista para alcançar as massas, a extrema direita brasileira adotou uma estratégia virtual semelhante a atuação trumpista, no que diz respeito ao combate direto a um dos intermediários<sup>208</sup> da democracia: a imprensa (mídia e jornalistas) (Pinheiro-Machado, 2019). Esta nova configuração popular<sup>209</sup>, como observa Schwarcz (2019), é autônoma, persuasiva e moralista, além de estimular a produção de *Fake News* para benefício próprio. É válido ressaltar que, a direita brasileira intensificava-se nas redes sociais já em 2015 e 2016 com os movimentos sociais de cunho nacionalista, liberal e pró-*impeachment* (antipetista) (Pinheiro-Machado, 2019). As manifestações eram incentivadas pelos formadores de opinião popular: Movimento Brasil Livre (MBL), Vem Pra Rua Brasil e o Revoltados Online. Estes representavam a frente direitista engajada principalmente no Facebook (Messenberg, 2017). Nicolau (2020, p. 89-97) reconhece que as eleições de 2018 contaram com a maior difusão de *Fake News* pelos apoiadores de Bolsonaro<sup>210</sup>, haja vista que os eleitores-usuários das mídias sociais (*Facebook, Twitter e WhatsApp*), majoritariamente eram pró-Bolsonaro.

O bolsonarismo, em síntese, acompanhou uma tendência temática da extrema direita norte-americana e europeia. De acordo com Löwy<sup>211</sup> (2019, p. 1), “[...] a ideologia repressiva, o culto da violência policial, o chamado a reestabelecer a pena de morte e a proposta de distribuir armas à população para sua “defesa contra a criminalidade”; e (b) a intolerância com as minorias sexuais, em particular em relação aos homossexuais”. A

---

<sup>208</sup> Segundo Levitsky e Ziblatt (2018, p. 189) “Uma imprensa independente é um bastião das instituições democráticas; nenhuma democracia pode viver sem ela”.

<sup>209</sup> A frente de seu tempo, Eco (2020, p. 56 e 57) já alertava que, “Em nosso futuro, desenha-se um populismo qualitativo de TV ou internet no qual a resposta emocional de um grupo selecionado de cidadãos pode ser apresentada e aceita como a “voz do povo”. É neste sentido, que Levitsky e Ziblatt (2018, p. 32) descrevem de forma atenta sua preocupação com a democracia, os “Populistas tendem a negar a legitimidade dos partidos estabelecidos, atacando-os como antidemocráticos e mesmo antipatrióticos. Eles dizem aos eleitores que o sistema não é uma democracia de verdade, mas algo que foi sequestrado, corrompido ou fraudulentamente manipulado pela elite. E prometem sepultar essa elite e devolver o poder “ao povo”. Esse discurso deve ser levado a sério. Quando populistas ganham eleições, é frequente investirem contra as instituições democráticas.”

<sup>210</sup> Na entrevista com Danilo Gentili, no programa “The Noite” de 20 de março de 2017, Jair Bolsonaro declarou que possivelmente se candidataria por um partido sem tempo de televisão, reconhecendo sua desenvoltura e potencial nas redes sociais.

<sup>211</sup> Reflexão crítica escrita para o site “A Terra é redonda”. Disponível em: [https://terraeredonda.com.br/neofascismo-um-fenomeno-planentario-o-caso-bolsonaro/?doing\\_wp\\_cron=1631223984.9178009033203125000000](https://terraeredonda.com.br/neofascismo-um-fenomeno-planentario-o-caso-bolsonaro/?doing_wp_cron=1631223984.9178009033203125000000). Acesso em: 19 set. 2021.





“agitação sociocultural reacionária” impulsionada e propalada vigorosamente por Bolsonaro durante sua campanha e vida política pode ser mais bem compreendida quando examinada à luz do conceito de tradição que a postura neoliberal deseja assegurar. A tradição ocidental tem como pragmatismo sustentar o papel da “família tradicional”, da “supremacia branca” e da “heteronormatividade”, afirma Brown (2019, p. 148). Se podemos nos permitir a aplicação desses indicadores nos discursos de Jair Bolsonaro, percebemos que essas convenções são manifestadas em sua história política<sup>212</sup> e defendidas por seu eleitorado, o bolsonarismo.

Embora seja possível estabelecer a estreita relação entre o avanço da extrema direita no Brasil com inspiração na política popular norte-americana de 2016 (Silva júnior; Fargoni, 2020, p. 10), o populismo da direita no Brasil acordou uma tradição autoritária de repúdio às políticas sociais, preservando o patriarcalismo e a herança escravocrata (racista) do brasileiro (Silva, 2020). Pinheiro-Machado (2019, p. 158) desmitifica o padrão dos eleitores, a voz popular da extrema direita após 2018, os classificando como “jovem desempregados” os quais eram ameaçados pelo feminismo,

---

<sup>212</sup> Percebe-se em uma de suas entrevistas mais polêmicas no programa “Câmera aberta”, em 23 de maio de 1999, Jair Bolsonaro discutindo sobre os problemas de corrupção no sistema político brasileiro, optando por respostas dinâmicas e soluções autoritárias. Uma das frases impactantes de Bolsonaro é: “Eu sou favorável a tortura, tu sabe disso! O povo é favorável disso também.” Na sequência, o entrevistador questiona o ex-capitão se ele tem saudade do regime militar, e a resposta é política, Bolsonaro conserva uma democracia sem corrupção e honesta: “Quem tem é o povo, não pelo regime em si, mas se tinha mais dignidade naquela época”. Em outro questionamento, Bolsonaro afirma que se fosse presidente fecharia o congresso, estabeleceria uma ditadura, ele diz: “daria golpe no mesmo dia! Não funciona (o congresso). E tenho certeza que 90% da população ia fazer festa, bater palma”, a afirmação foi feita como uma resposta às corrupções do executivo e do congresso nacional da época. Quando questionado sobre a esperança de um Brasil melhor, Bolsonaro faz sua declaração mais radical: “[...] me desculpa né, mas através do voto você não vai mudar nada nesse país. Nada, absolutamente nada. Você só vai mudar, infelizmente, quando nós partimos para uma guerra civil aqui dentro. E fazendo um trabalho que o regime ainda não fez, matando uns 30 mil, começando com FHC, não deixar ele pra fora não! Matando. Se vai morrer alguns inocentes, tudo bem, tudo quanto é guerra morre inocentes”. A democracia brasileira, para ele, “faliu”, a democracia é “excelente”, mas apenas com candidatos honestos. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=211Q84pnuwo&ab\\_channel=Jo%C3%A3oRobertoLaque](https://www.youtube.com/watch?v=211Q84pnuwo&ab_channel=Jo%C3%A3oRobertoLaque). Acesso em: 18 set. 2021.

Já no “Roda Viva”, do canal TV Cultura (roda viva realizada no dia 30/07/2018), Jair Bolsonaro tinha como principal pauta de campanha, redirecionar a política brasileira tornando a economia liberal ao efetivar pactos comerciais com países desenvolvidos; reestruturar a formação que a família e crianças tiveram nos últimos anos, pois foi desgastada com a influência esquerdista. Com uma perspectiva conservadora e militar, Bolsonaro defendeu seu ponto de vista sobre o período ditatorial (1964-1985) no Brasil, segundo ele, o “Golpe militar” não existiu, Castelo Branco assume a presidência de forma democrática e respeitosa a constituição, combatendo a ameaça comunista da época. Bolsonaro não deixa também de questionar a validade das eleições por meio das urnas eletrônicas e deslegitimar os adversários políticos (principalmente os de esquerda/PT) devido a corrupção e defesa de regimes comunistas. Outro fator a ser discutido no programa, foi sobre as cotas raciais, o ex-candidato, atual presidente, defendeu uma interpretação histórica escravagista que não pondera a questão da “dívida histórica” e racista do Brasil. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=IDL59dkeTi0&t=185s&ab\\_channel=RodaViva](https://www.youtube.com/watch?v=IDL59dkeTi0&t=185s&ab_channel=RodaViva). Acesso em: 18 set. 2021. Estes foram breves exemplos dos demonstrativos autoritários de Bolsonaro.



ou, “homens brancos, dos 30 aos 50 anos, com trabalho precário” que acreditavam que o insucesso econômico nacional e pessoal, antes provinha da imoralidade e da quebra de hierarquias da sociedade – “o provedor” – e não de seu respectivo fracasso. Souza e Oliveira (2020, p. 135-137), concluem que a gênese do autoritarismo brasileiro bolsonarista é “[...] em termos psicanalíticos, a identificação paterna e sua concepção enquanto autoridade familiar. Além disso, a fonte do autoritarismo é o fracasso social”. Há de se notar, portanto, que a lógica neofascista brasileira está vinculada intimamente com as construções identitárias do sujeito e a preservação da moralidade (patriarcal e religiosa).

Ademais, Maitino (2020, p. 16) considera que a solução popular do bolsonarismo deveria recorrer ao entrelaçamento da “moralidade privada e pública” com forte oposição às pautas esquerdistas. Eventualmente, somente a moralidade tradicional, autoritária, patriota e religiosa poderia assegurar o sucesso do indivíduo no mercado (na perspectiva conservadora e neoliberal), como analisa Brown (2019, p. 110). No contexto brasileiro, Chaui (2013) acredita que a teologia conservadora (moral) motiva uma hierarquia estrutural, dado que o aspecto transcendente dá o direito de subjugação nas relações, em prol do sucesso; e o neoliberalismo, propicia uma polarização político-social. O resultado é o recuo da cidadania, feito da exclusão político-econômica das camadas mais pobres.

É neste sentido que Nobre (2020) explica como Bolsonaro tentou minar as instituições democráticas e o próprio sistema político com o propósito de recuperar a segurança econômica e a verdadeira tradição brasileira. A vitória político-social alcançada por Bolsonaro está justamente atrelada, segundo Pinheiro-Machado (2019, p. 142-145), ao efeito que o discurso bolsonarista fomentou na “elite racista e classista” contra todos os chamados “vagabundos”. O vagabundo, para a pesquisadora, tem sua raiz na figura do marginal do período colonial, associada ao pobre e o (a) preto (a). No decorrer da história, estes indivíduos têm sido classificados como os culpados pelo atraso socioeconômico do Brasil. Em confluência, Schwarcz (2019) observa que os novos líderes autoritários procuram enfatizar uma narrativa histórica idílica, saudosista, nostálgica e resolutiva para o desenvolvimento, ao mesmo tempo que negam reconhecer os aspectos democráticos e históricos “marginalizados” da identidade nacional. Bolsonaro, portanto, se configura como o porta-voz do movimento autoritário atual brasileiro, sendo uma manifestação concreta de um fenômeno (bolsonarismo) que não reconhece o atavismo colonialista, escravocrata, racista, machista, patriarcal, patrimonialista e intolerante. Por fim, é importante ressaltar que o autoritarismo não é um



fenômeno exclusivamente da política, mas sim um reflexo da sociedade brasileira e seu processo histórico (Chauí, 2013).

### Considerações Finais

A extrema direita passou por diversas metamorfoses ao longo de sua história e sua manifestação no presente não mais escancara descaradamente as mortíferas faces fascistóides e autoritárias comumente associadas a esta. Sorrateiramente nos anos 1980, o extremismo de direita passou se configurar em “trajes civis” (Eco, 2020), utilizando discursos aparentemente democráticos e moderados, mas que escondem agendas antissistêmicos e moralistas, com potencial de dividir a população. No fim das contas, a extrema direita somente utiliza-se da democracia para subvertê-la, dar vozes às suas pautas funestas e por fim, gradualmente, matá-la (Levitsky; Ziblatt, 2018).

Por consequência, as tendências ‘camuflantes’ do radicalismo de direita espalham-se por todo o globo. Na Europa, Viktor Orbán, Matteo Salvini, Marine Le Pen, Alexander Gauland e Alice Weidel são exemplos de lideranças extremistas com pautas antimigração, antipluralistas e nativistas, os quais adentram no poder de forma democrática. Nos anos 2000, diversas crises sociais e econômicas transpassam o globo e discursos radicais ganham força nunca vista. Traçando coligações partidárias, utilizando-se das redes sociais e da crítica às mídias tradicionais, tais líderes alcançam muitos apoiadores, desde os mais jovens até os mais idosos e com diferentes status sociais (estudantes, agricultores, empresários, pequenos comerciantes, entre outros). Felizmente, grande parte destes líderes têm sido combatidos nos últimos anos. Partidos de oposição têm realizado frentes amplas, juntando-se com outros líderes a fim de bloquear o acesso de tais demagogos ao poder. Trump foi impelido do segundo mandato desta forma, assim como, Marine Le Pen e outros representantes extremistas.

Quando pensado sobre o Brasil, a extrema direita está associada historicamente a uma relação condescendente com o Regime Civil Militar e que, a partir da redemocratização, se associou a uma elite conservadora, se ajustando ao “jogo democrático” e à necessidade de participação e representação popular, envolvendo-se com posicionamentos de centro-esquerda, tendo como principais bandeiras a anticorrupção e a guinada econômica - ratificadas nos governos Collor e FHC. Com o processo de *impeachment* de Collor e a queda de popularidade de FHC, o espaço para um governo mais próximo das esquerdas foi aberto com a queda progressiva da representação das direitas no parlamento e com a eleição de Lula e Dilma Rousseff.



Com os escândalos de corrupção e crises econômicas, uma nova quebra de confiança reacendeu o interesse da população pela política e o aumento do consumo de conteúdo político na internet, ocasionando um fenômeno de polarização entre esquerda e direita e um crescimento da representativo direitista no parlamento. Esse fenômeno acabou tendo seu ápice nas manifestações de junho de 2013 e seguiu em crescimento até a eleição de Jair Bolsonaro para presidente em 2018.

Entendendo essa trajetória e o posicionamento das direitas, percebe-se a aproximação de ciclos de popularidade política no Brasil, baseada em uma “conquista de confiança” da população brasileira que tem suas expectativas aumentadas na mesma medida em que a economia ascende ou regride (o que de certa forma favorece um controle político por parte das direitas). Isso corrobora com a ideia de sagração dos governantes, trazida por Chauí (2013), onde a relação do povo brasileiro com seus governantes, sobretudo com o Poder Executivo, envolve uma supervalorização dos indivíduos, ao passo que exige deles seu favor e com mesma intensidade os descarta pelo desfavor.

A campanha eleitoral de Jair Bolsonaro protagonizou inéditas rupturas com a “velha política” brasileira após o período de abertura democrática, sobretudo no que tange a efetividade do eleitorado. A repercussão midiática de Bolsonaro foi explosiva, considerado por sua fala “nada política” e não rebuscada. O “charlatão brasileiro”, conquistou sua base eleitoral com discursos diretos e sem comedimentos contra os adversários políticos. Apesar de não se apresentar com frequência nos debates públicos no período de campanha oficial, contando com mínimas aparições e com um tempo de TV muito inferior aos partidos do PT e PSDB, Bolsonaro apostou nas redes sociais e mídias alternativas privadas, já que na mídia (imprensa e jornalismo), uma das guardiãs da democracia, não se dobrou ao discurso alimentado pelos populista Bolsonaro.

O bolsonarismo teve seu teor inédito por ser o resultado de uma aposta de campanha através das redes sociais que contou com a soma de dois produtos. Primeiramente no que concerne, uma solução para a corrupção, isto é, a promoção de uma limpeza no próprio sistema político brasileiro, tendo como principal inimigo a oposição política (a esquerda). Segundo, na exclusiva segurança no âmbito civil e familiar. A segurança aqui não se limita a particularidades do armamento civil, mas também na questão da moralidade e do patriarcalismo, ou seja, na manutenção dos valores tradicionais que estavam sendo subvertidos socialmente por políticos e partidos esquerdistas. O bolsonarismo é um movimento político-social que contou com o entrelaçamento da frustração do sujeito (ainda no sentido econômico) e a valorização da



moralidade (valores tradicionais e religiosos). A presença dessas fragilidades individuais foram fundamentais para a solução apresentada pela extrema direita na construção do discurso bolsonarista, sendo determinante na eleição à presidência de Jair Bolsonaro em 2018. A resolução proposta pelo fenômeno popular e predominantemente urbano, era de uma política econômica neoliberal e a volta para a tradição brasileira de ordem, progresso e segurança, como visto no período do regime civil-militar que Bolsonaro tanto saudava.

Concluimos, portanto, que a equação final do bolsonarismo é multiplicada pela herança autoritária brasileira, não somente no que diz respeito a apologia à ditadura militar (pelo líder Bolsonaro e seus seguidores), na manutenção dos costumes patriarcais e escravocratas ou pela preservação do conceito de democracia racial, mas por um coletivo de indivíduos frustrados, seja na área política, econômica, social ou religiosa.

Em conclusão, podemos afirmar que a equação final do bolsonarismo é resultado da multiplicação da herança autoritária brasileira. Essa influência não se limita apenas à apologia à ditadura militar, feita pelo líder Bolsonaro e seus seguidores. Ela também se manifesta na manutenção dos costumes patriarcais e escravocratas, assim como na preservação do conceito de democracia racial. Em suma, entendemos que o bolsonarismo se constitui por um coletivo de indivíduos que experimentam frustrações em diversas áreas, seja política, econômica, social ou religiosa. Essas frustrações coletivas desempenham um papel significativo na consolidação e expansão do fenômeno.

**Data de Submissão:** 16/06/2023

**Data de Aceite:** 28/08/2023

### **Referências**

ABREU, J. M. **Comportamento político violento e avanço global da direita:** uma análise do caso brasileiro. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*, Uberlândia, v. 6, n. 2, 2016.

ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo:** antissemitismo, imperialismo e totalitarismo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012.

BARREIROS, D.; MIAGUTI, C.; POTY, I. **Capitalismo, Democracia e a Extrema-direita:** Uma análise comparativa baseada no duplo movimento Polanyiano (1870-1945/1970-2020), p. 1-41, 2020.

BOBBIO, N. **Direita e Esquerda:** Razões e Significados de uma Distinção Política. São Paulo, SP: Editora UNESP, 1995.



BORBIO, N. **Dicionário de política**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BONFIM, J. B. B. **Palavra de Presidente: Discursos de Posse de Deodoro a Lula**. Brasília: LGE Editora, 2004. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/91988>. Acesso em: 13 abr. 2021.

BONIS, Gabriel. O extremismo de direita que cresce no mundo e assusta a Alemanha. **BBC News Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53197469>. Acesso em: 08 set. 2021.

BORDIN, J. G. V. **Três décadas da nova direita radical na Europa ocidental: uma revisão da literatura**. 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

BRADALISE, C. *Europe des patries: histórico da extrema direita Européia*. **Revista Cena Internacional**, v. 7, p. 50-82, 2005. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CENAInternacional/2005/vol7/no1/3.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2021.

BROWN, W. **Nas ruínas do Neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. Santos, São Paulo: Editora Filosófica Politeia. 2019.

CEPÊDA, V. A. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações**, Londrina, v. 23 n. 2, p. 75-122, mai./ago. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/34801>. Acesso em: 27 abr. 2021.

CHAUÍ, M. **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2013.

CODAS, G.; CRUZ, S. V.; KAYSEL, A. **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

CURRIE, PM; HOLBROOK, D.; TAYLOR, M. **Extreme right wing political violence and terrorism: new directions in terrorism studies**. New York: Bloomsbury, 2013.

DIAMOND, L.; PLATTNER, M.F.; WALKER, C. **Authoritarianism goes global: the challenge to democracy**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2016.

ECO, U. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

GOMES, A. B. P. **Extrema-direita e os "perdedores da globalização": Preditores do voto em Marine Le Pen nas presidenciais francesas de 2012**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

IGNAZI, P. **Extreme right parties in Western Europe**. London: Oxford University Press, 2003.

LEVITSKY, S; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. São Paulo: Zahar, 2018.



LIMA, E. C. de A; LIMA, I. C. C. O Neoconservadorismo religioso e heteronormatividade: a ‘Bolsonarização’ como produção de sentido e mobilização de afetos. **Revista Cadernos de Campo**. Araraquara, n. 28, p. 325-350, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/13273/9667>. Acesso em: 18 ago. 2023.

LINHARES, M. Y. (org.). **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.

LOWY, M. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010166282015000400652&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010166282015000400652&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 27 abr. 2021.

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. Rio de Janeiro, Zahar. 2020.

NOBRE, M. **Imobilismo em movimento: Da abertura democrática ao governo Dilma**. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

NOBRE, M. **Ponto-final: A guerra de Bolsonaro contra a democracia**. São Paulo: Todavia, 2020.

NORRIS, P. A tese da “nova clivagem” e a base social do apoio à direita radical. **Opinião pública**, v. 7, n. 1, p. 1-32, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/QWNXbm7gD3sdywSq73nJLd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 mai. 2021

MACHADO, E. Governo Lula, neoliberalismo e lutas sociais. **Lutas Sociais**, [S. l.], n. 21/22, p. 23–34, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18598>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MAITINO, M. E. Populismo e bolsonarismo. **Cadernos Cemarx**, Campinas, v. 13, 2020. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/13167>. Acesso em: 25 abr. 2021.

MESSEMBERG, D. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado. Brasília**, v. 32, p. 621-647, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203004>. Acesso em: 12 abr. 2021

MERKL, P; WEINBERG, L. **Right-Wing Extremism in the Twenty-First Century**. Routledge, 2003.

MUDDE, C. **The Ideology of Extreme-right**. Manchester: Manchester Univ. Press. 2002.

MULLER, J. W. **What is Populism?** Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2016.

OYAMA, T. **Tormenta: O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020





PAXTON, R. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PINHEIRO-MACHADO, R. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. M. **Da esperança ao ódio**: a juventude periférica bolsonarista. In: GALLEGO, Esther Solano. **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

REICH, W. **Psicologia de Massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, C. G. C. da. **O bolsonarismo da esfera pública**: uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7664>. Acesso em 13 abr. 2021

SILVA JÚNIOR, J. R.; FARGONI, E. H. E. Bolsonarismo: a necropolítica brasileira como pacto entre fascistas e neoliberais. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 14, p. 1-26. Jan./dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14244/198271994533>. Acesso em 13 abr. 2021.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SOARES, L. E. **O Brasil e o seu duplo**. São Paulo: Todavia. 2019.

SOLANO, E. **Crise da Democracia e extremismos de direita**. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung Brasil, 2018.

SOUSA, K. M.; OLIVEIRA, R. C. Fascismo e bolsonarismo. **Revista Heterotópica**, v. 2, n. 2, p. 115-140. 29 dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/HTP-v2n2-2020-56627>. Acesso em: 13 abr. 2021.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo**: a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2020.

VON BEYME, K. **Right-wing extremism in post-war Europe**. *West European Politics*, v. 11, p. 2-18, 1988. Disponível em: [Right-wing extremism in post-war Europe: West European Politics: Vol 11, No 2 \(tandfonline.com\)](https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00222888.1988.10555555). Acesso em: 10 ago. 2021.

WIDFELDT, A. A fourth phase of the extreme right? Nordic immigration-critical parties in a comparative context. **NORDEUROPA forum**, v. 20, p. 7-31, 2010. Disponível em: <https://edoc.hu-berlin.de/bitstream/handle/18452/8689/widfeldt.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 7 jul. 2021.